



Com a bênção de N.ª S.ª da Abadia ENTRAMOS NO TERCEIRO ANO DE PUBLICAÇÃO

Por PAULO FERRO

Com a edição deste número de «A Voz da Abadia», entramos no seu terceiro ano de publicação. Estão de parabéns a Confraria, que o mantém, as populações, que beneficiam da sua publicação, e todos os colaboradores, anónimos ou não, que contribuem para que ele saia com regularidade.

No número anterior, publicamos uma carta dirigida ao director Paulo Ferro. O autor dela faz algumas críticas que nós entendemos pertinentes e até justas; mas só no sentido de que todos nós desejamos que as coisas cresçam e não diminuam. É verdade que, por motivos económicos, no decorrer deste último ano, vários números foram publicados só com oito páginas; mas também é verdade que o seu conteúdo não diminuiu tanto em qualidade como o autor parece querer afirmar. O jornal é aquilo que os seus leitores e colaboradores quiserem que ele seja.

Ele tem sido um ouvido e uma voz do que se passa no santuário, em volta do santuário, nos dois concelhos de entre Homem e Cávado — Amarelos e Terras de Bouro. O santuário tem épocas do ano de maior e menor movimento; os dois concelhos — Amarelos e Terras de Bouro — não são muito populosos. Há freguesias destes dois concelhos que são mesmo de muito fraca densidade populacional. Mas o jornal tem estado atento a tudo o que neles se passa e, principalmente através da secção de Cartas ao Director, esteve e está aberto a todas as opiniões, devidamente assinadas, sobre o que se fez ou não fez e podia ter sido feito duma ou doutra forma. Nisto, a direcção do jornal não tem dogmatismos.

O número de tiragens não aumentou quanto seria de desejar. Há leitores que nem sempre têm gostado do jornal; há assinantes novos que todas as semanas se inscrevem como assinantes tanto dentro dos limites destes dois concelhos como fora deles e muitos do estrangeiro sempre a pedirem assinatura e muitos a queixarem-se de que o jornal não lhes chega às mãos dentro do tempo que seria razoável e de acordo com os progressos dos meios de comunicação e transporte. No decorrer deste novo ano que agora se inicia, iremos melhorar aquilo que estiver nas nossas mãos.

Há uma grande quantidade de irmãos da confraria que ainda não recebem o jornal e principalmente por ainda desconhecem que ele existe. É uma lacuna que consideramos grande e até grave e principalmente por descuido da própria mesa da confraria. É verdade que não se conhece a direcção de uma grande parte dos irmãos, espalhados por muitos cantos do mundo. Alguns irmãos até já terão falecido sem que a mesa da confraria conheça o facto. Mas, entendemos que se deveria fazer um grande esforço, mesmo neste ano que se está a comemorar os cem anos da fundação desta confraria, para se conseguir um ficheiro actualizado das direcções dos irmãos da confraria e, a partir daí, tentar que todos sejam assinantes de «A Voz da Abadia». Não se pode amar o que se desconhece. Os irmãos da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, conhecendo melhor o que se passa no seu real santuário poderão amá-lo mais e melhor.

Com dois anos de publicação de «A Voz da Abadia» algumas coisas se mudaram por sua influência e outras aconteceram, o que não teria sido possível sem o jornal. O santuário tornou-se mais conhecido e alguma da sua história foi desenterrada do pó dos papéis; as gentes de entre Homem e Cávado tiveram ao seu dispôr um órgão de comunicação que lhes deu mais liberdade e conhecimento. E, por tudo isto e por muito mais aqui estamos a iniciar um novo ano de publicação com a bênção de Nossa Senhora da Abadia.

Assembleia Municipal de Amarelos aprova Plano de Actividades para 1987

A Assembleia Municipal de Amarelos reunida em 27 de Dezembro de 1986, aprovou com alguma discussão e recomendações à Câmara Municipal de Amarelos, o Plano de Actividades e Orçamento para 1987, o novo Quadro do Pessoal e a alteração da tabela de taxas e licenças.

Em proposta do Plano de Actividades, o Executivo da Câmara Municipal salientou a necessidade de aprovação do Quadro de Pessoal a fim de que, de futuro, possam ser cumpridas as dificuldades até aqui encontradas no sector administrativo, de fiscalização, nos serviços técnicos de obras, no atendimento cultural e nos serviços de água e saneamento.

Na mesma proposta se referiam as carências mais notórias que tocam a totalidade das freguesias do concelho, no campo educativo e cultural, na distribuição de água e rede de saneamento, no plano de viação rural — caminhos e arruamentos — do equipamento e planeamento, bem como no que se refere aos arranjos urbanísticos e outros aspectos

em que a melhoria é necessária e urgente.

Colocada à votação, a proposta do Plano de Actividades e Orçamento

para 1987 obteve a aprovação da maioria, tendo-se verificado um voto contra e 3 abstenções. Os restantes pontos

agendados na convocatória para esta reunião da Assembleia Municipal foram aprovados por unanimidade.

OS JOVENS E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Foi pensando em perspectivas de futuro que o Centro de Artesanato de Covide apostou na formação de 40 jovens, que desde 18 de Março a 30 de Dezembro fizeram formação em três acções bem distintas. Um projecto apresentado ao I.E.F.P. visando o desenvolvimento do Artesanato nas áreas de Tecelagem, Fiação, Confecções e Bordados. O Fundo Social Europeu, ao abrigo da lei de Formação em Cooperação, concedeu através do I.E.F.P. um subsídio de 2.800.000\$00, para a formação.

A jovem fazia a sua aprendizagem na área escolhida, sendo considerada Estagiária e recebia 100\$00/hora.

Foi uma actividade de grande valor humano, social e cultural. Ao longo da formação as jovens



tiveram aulas práticas e teóricas. Em práticas executaram um variadíssimo número de peças, em lã, linho, algodão e trapo. Nas teóricas debateram-se muitos temas, em que alguns dos quais foram: gestão de produção, gestão comercial, gestão do tempo, o trabalho, a mulher na economia familiar, o valor das artes tra-

dicionais, a auto-avaliação, etc.

No dia 30, às 14 horas no Centro Social e Paroquial de Covide, procedeu-se ao encerramento desta 1.ª etapa de formação, assim como ao encerramento dos O.T.J.. Estavam presentes o Serviço de Emprego, a Câmara Municipal, o

(Continua na página 5)

PASSAGEM DE ANO NO CENTRO CULTURAL DE SOUTO

— VISITA DO SR. PRESIDENTE DA CÂMARA

Competiu, este ano, à actual direcção da Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Sou-

to, a realização da passagem de ano 1986/87, tendo contado para tal com as instalações do

Centro Cultural, localizadas em Golpelheiras. As festividades consistiram de três partes: mú-

sica gravada na noite de 31, a visita do Sr. Presidente da Câmara às instalações e a actuação do famoso conjunto «Agua-rela» no dia de Ano Novo.

Em relação à visita do Sr. Presidente da Câmara, tenho a afirmar que ela foi simpática, embora despida um pouco do colorido humano. A realização simultânea de cerimónias religiosas na igreja paroquial, muito terá contribuído para isso. O povo continua a pensar, e bem, que devemos dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. A organização é que terá falhado.

Durante uma pequena conversa que tive com o Sr. Presidente, no Centro Cultural, pude concluir coisas que eu considero muito importantes:

Que a actual Câmara aposta na cultura, no

(Continua na página 6)

Tomou posse a Direcção do Núcleo da Cruz Vermelha de Amarelos



PÁGINA 6

Pelotão de Socorro da Escola de Recrutadas de Amarelos que jurou Bandeira no dia 28 de Dezembro

1. Um apelo a todos...

O meu predecessor, o Papa Paulo VI de v. m., lançou um apelo a todos os homens de boa vontade, para celebrarem no primeiro dia de cada ano civil um *Dia Mundial da Paz*, como sinal de esperança e como promessa de que a paz venha a «dominar o desenrolar-se dos acontecimentos futuros» (AAS 59, 1967, p. 1098). A distância de vinte anos, eu volto a repetir este mesmo apelo dirigindo-me a cada um dos membros da família humana. Convido-vos, pois, a unir-vos comigo, para reflectirmos juntos sobre a paz e celebrarmos a paz. Celebrar a paz no meio das dificuldades — como aquelas em que hoje vivemos — equivale a uma *proclamação da nossa confiança na humanidade*.

Baseando-me nesta confiança, dirijo o meu apelo a cada um pessoalmente, na convicção de que, todos juntos, podemos aprender a celebrar a paz, porquanto esta é uma aspiração universal de todos os povos no mundo inteiro. Todos os que compartilhamos essa aspiração, poderemos vir a ser, deste modo, uma só coisa nos nossos pensamentos e nos nossos esforços, em convergência para fazer da paz uma meta que pode ser alcançada por todos e em benefício de todos.

O tema que escolhi para a Mensagem deste ano tem a sua inspiração naquela verdade profunda acerca do homem que se enuncia assim: *todos nós constituímos uma só família humana*. Pelo simples facto de termos nascido neste mundo, nós participamos de uma herança e temos em comum a mesma origem, com todos os demais seres humanos. Esta unicidade exprime-se por sobre todas as riquezas e diversidades da família humana, nas diferentes raças, culturas, línguas e histórias. E nós somos chamados a reconhecer a *radical solidariedade* da família humana, como condição fundamental da nossa vida juntamente com os demais, sobre a face da terra.

Neste ano de 1987 ocorre também o vigésimo aniversário da publicação da *Populorum Progressio*. Esta célebre Encíclica do Papa Paulo VI foi um solene apelo para uma acção concertada em favor do desenvolvimento integral dos povos (cf. *Populorum Progressio*, n. 5). A frase do mesmo Paulo VI — «o desenvolvimento é o novo nome da paz» (*ibid.*, nn. 76 e 87) — indica uma das chaves para a nossa busca da paz. Poderá existir paz verdadeira, enquanto houver homens, mulheres e crianças que não podem viver a sua plena dignidade humana? Poderá haver paz duradoura, num mundo onde predominam relações — sociais, económicas e políticas — que favorecem um grupo ou uma

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE JOÃO PAULO II PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ

1.º DE JANEIRO DE 1987

DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE: DUAS CHAVES PARA A PAZ

nação à custa de outros? Poderá estabelecer-se uma paz genuína, sem o reconhecimento efectivo daquela verdade sublime, segundo a qual nós somos todos iguais em dignidade, iguais porque fomos criados à imagem de Deus, que é nosso Pai?

2. ... para reflectir sobre a solidariedade...

Esta Mensagem para XX Dia Mundial da Paz está em estreita relação com a Mensagem que dirigi ao mundo no ano passado, subordinada ao tema: *Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só Paz*. Nessa Mensagem eu tive ocasião de dizer: «A unidade da família humana tem repercussões realíssimas para a nossa vida e para o nosso empenho em favor da paz... Isto significa que nós nos comprometemos por *uma nova solidariedade*, a solidariedade da família humana... por um novo tipo de relações, a *solidariedade social de todos*» (n. 4).

Reconhecer a solidariedade social da família humana comporta a responsabilidade de construir sobre aquilo que nos une. Isto significa promover efectivamente e sem excepção alguma a igual dignidade de todos, como seres humanos, dotados de certos direitos fundamentais e inalienáveis. Isto afecta todos os aspectos da nossa vida individual, bem como da nossa vida na família, na comunidade em que vivemos e no mundo. Uma vez que compreendemos verdadeiramente que somos *irmãos e irmãs no seio de uma comum humanidade*, então podemos modelar as nossas atitudes diante da vida à luz da solidariedade que nos torna uma coisa só. Isto é verdade, de modo especial, quanto a tudo o que diz respeito ao projecto universal de base: a paz.

No decorrer da vida de todos nós houve momentos e acontecimentos que nos ligaram uns aos outros, levando-nos conjuntamente ao reconhecimento consciente da unicidade da humanidade. Desde aquele momento em que nos foi possível ver, pela primeira vez, imagens da terra colhidas do espaço, deu-se uma mudança sensível do nosso modo de entender o nosso planeta, a sua imensa beleza e fragilidade. Ajudados pelas conquistas resultantes da exploração espacial, descobrimos que a expressão «herança comum de todo o género humano» tomou, a partir de então, um significado novo.

Quanto mais compartilhamos uns com os outros as riquezas artísticas e culturais próprias de cada um, tanto mais descobrimos a nossa comum humanidade. Os jovens, sobretudo, têm vindo a aprofundar o sentido de unidade, pela participação em acontecimentos desportivos, de nível regional e mundial, e em actividades similares, reforçando os seus laços de fraternidade, como homens e mulheres.

3. ... na sua actualiação...

Ao mesmo tempo, com quanta frequência, em anos recentes, tivemos ocasião de nos pormos em contacto, como irmãos e irmãs, para ajudar aqueles que foram atingidos por catástrofes naturais ou afligidos pela guerra e pela fome. Nós somos testemunhas de um crescente desejo colectivo — que passa por cima das fronteiras políticas, geográficas e ideológicas — de ajudar os membros menos favorecidos da família humana. O sofrimento, que se prolonga e é ainda tão trágico, dos nossos irmãos e irmãs da região subsariana, na África, está a suscitar por toda a parte formas e projectos desta solidariedade entre seres humanos. Duas das razões pelas quais eu tive a alegria de atribuir, em 1986, o Prémio Internacional para a Paz «Papa João XXIII» aos Serviços Católicos para os Socorros de Emergência e para os Prófugos (COERR), da Tailândia, foram: em primeiro lugar, poder chamar a atenção do mundo para as persistentes dificuldades com que se debatem aqueles que se vêm forçados a abandonar a própria pátria; e, em segundo lugar, pôr em realce o espírito de cooperação e colaboração que tantos grupos — católicos e outros — têm demonstrado, indo ao encontro das necessidades daquela gente, tão duramente provada e sem um tecto. Sim, o espírito humano pode corresponder e sabe corresponder, com grande generosidade, aos sofrimentos do próximo. Nestas respostas nós podemos ver uma crescente actualiação daquela solidariedade social que, com palavras e com os factos, proclama que todos nós somos uma só coisa, que devemos reconhecer essa nossa unicidade e que isso é um elemento essencial para o bem comum de todos os indivíduos e de todas as nações.

Estes exemplos mostram que nós podemos cooperar e já cooperamos, de facto, de muitas maneiras; mostram que nós podemos trabalhar, e já trabalhamos, em conjunto, para fazer progredir o bem comum. Todavia, devemos fazer mais ainda. É preciso adoptarmos uma *atitude de fundo* para com a humanidade e no campo das relações que temos com as outras pessoas, individualmente, e com cada grupo do mundo. E, chegados a esse ponto, podemos começar a ver como o empenhamento pela solidariedade da parte de toda a família humana é uma chave para a paz. Os projectos que incrementam o bem da humanidade ou a boa vontade entre os povos representam passos em frente no sentido da actualiação da solidariedade. Os laços de compaixão e de caridade, que nos impõem a ajudar aqueles que sofrem, põem em evidência de outra maneira a nossa unicidade. No entanto, o desafio subjacente, que se apresenta a todos nós, é o de adoptarmos *uma atitude de solidariedade social para com a inteira família humana* e de, nessa atitude, sabermos enfrentar todas as situações políticas e civis. Assim, por exemplo, a Organização das Nações Unidas designou o ano de 1987 como Ano Internacional do Alojamento e dos Sem-Casa. Deste modo pretende-se chamar a atenção para um vasto campo de grande interesse, e promover uma atitude de solidariedade —

humana, política e económica — para com milhões de famílias, privadas daquele ambiente que é essencial para uma decorosa vida familiar.

4. ... e nos obstáculos com que depara...

Abundam, infelizmente, os obstáculos à solidariedade, devidos a posições políticas e ideológicas que condicionam de facto a actualiação da solidariedade. Trata-se de posições ou de orientações que ignoram ou negam a igualdade fundamental e a dignidade da pessoa humana. Dentre estas, vêm-me ao pensamento, em particular:

— a *xenofobia* que faz com que algumas nações se fechem em si mesmas e leva os governos a estabelecer leis discriminatórias no seu próprio país, com prejuízo de pessoas;

— o *encerramento das fronteiras*, actuado de modo arbitrário e injustificável, de tal maneira que as pessoas se vêem efectivamente privadas da possibilidade de deslocar-se e de melhorar a sua sorte, de reunir-se com os seus entes queridos, ou simplesmente de visitar as próprias famílias ou de contactar pessoalmente com outros, para lhes dispensarem os seus cuidados e compreensão;

— as *ideologias* que apreçoam o ódio e a desconfiança e os sistemas que levantam barreiras artificiais. O ódio racial, a intolerância religiosa e as divisões de classes, abertamente ou de forma velada, acham-se por demais presentes em muitas sociedades. Quando os chefes políticos erigem semelhantes divisões sistematicamente, em planos internos ou em programas que dizem respeito às relações com outras nações, então esses conceitos atingem o mais íntimo da dignidade do homem. E isso passa a ser uma fonte poderosa de reacções opostas, que aumentam as divisões, as inimizades, a repressão e o clima de guerra. Outro mal é o terrorismo que, ainda no decorrer deste último ano, causou não poucos sofrimentos às pessoas e danos à sociedade.

O antídoto para tudo isto é constituído pela *solidariedade efectiva*. Com efeito, se o carácter essencial da solidariedade tem de ser reconhecido na igualdade radical de todos os seres humanos, homens e mulheres, resulta claro que toda a política que esteja em contradição com a dignidade fundamental e com os direitos humanos, de cada pessoa ou grupo de pessoas, é uma política que deve ser rejeitada. Ao contrário, as políticas e os programas que visam instaurar relações abertas e honestas entre os povos, levar a alianças justas e unir entre si os homens para uma cooperação honrosa, devem ser incrementados. Semelhantes iniciativas não ignoram as reais diferenças linguísticas, raciais, religiosas, sociais ou culturais, existentes entre os povos; e também não ignoram as grandes dificuldades que há para superar divisões e injustiças inveteradas. Contudo, elas procuram pôr em primeiro plano os elementos que unem, embora possam parecer exiguos.

Este espírito de solidariedade é um espírito aberto ao diálogo. Ele lança as suas raízes na verdade e tem necessidade da verdade para se desenvolver. É um espírito que procura sobretudo construir e não destruir, que procura prevalentemente unir e não dividir. Uma vez que a solidariedade é uma aspiração universal, ela pode assumir muitas formas. Acordos regionais para promover o bem comum e para estimular as negociações bilaterais podem servir para diminuir as tensões. O intercâmbio de tecnologias ou de informações, pa-

ra precaver desastres ou para melhorar a qualidade de vida das pessoas numa determinada região, é algo que contribuirá para a solidariedade e facilitará posteriores medidas de alcance mais vasto.

5. ... e para reflectir sobre o desenvolvimento...

Não há, talvez, nenhum outro sector das tarefas humanas em que a necessidade de solidariedade social seja tão grande como na *área do desenvolvimento*. Grande parte das afirmações do Papa Paulo VI, contidas na sua Encíclica cujo vigésimo aniversário estamos a celebrar, podem aplicar-se de modo especial aos nossos dias. Ele viu com clareza que a questão social tinha assumido proporções mundiais (cf. *Populorum Progressio*, n. 3). Foi dos primeiros a chamar a atenção para o facto de o progresso económico ser em si mesmo insuficiente, e de ele requerer o progresso social (cf. *ibid.*, n. 35). Ele insistia, sobretudo na necessidade de um progresso integral; ou seja, tem de ser desenvolvimento de cada pessoa e de toda a pessoa (cf. *ibid.*, nn. 14-21). Na sua maneira de ver, consistia nisso o humanismo pleno: o desenvolvimento total da pessoa — homem ou mulher — em todas as suas dimensões, com abertura para o Absoluto e «que exprime a ideia exacta do que é vida humana» (*ibid.*, n. 42). Um humanismo assim é o objectivo comum que deve ser tido em vista e buscado por todos. «O desenvolvimento integral do homem, dizia ele, não poderá realizar-se sem o desenvolvimento solidário da humanidade» (cf. *ibid.*, n. 43).

Agora, passados vinte anos, desejo render homenagem a estes ensinamentos do Papa Paulo VI. A sua visão perspicaz, pelo que se refere à importância de um espírito de solidariedade para o desenvolvimento, continua a ser válida, mesmo nas mudanças circunstâncias dos nossos dias, e projectam uma grande luz sobre os desafios do presente.

6. ... e sobre as suas aplicações hoje.

Quando reflectimos sobre o empenho de solidariedade no campo do desenvolvimento, a verdade primordial e a mais fundamental é esta: o *desenvolvimento é uma questão de pessoas*. São as pessoas, de facto, os *sujeitos* do desenvolvimento verdadeiro; são elas a *finalidade* do desenvolvimento verdadeiro. O desenvolvimento integral das pessoas constitui a meta e o ponto de aferimento de todos os planos de desenvolvimento. O facto de as pessoas constituírem o ponto central do desenvolvimento é uma consequência da unicidade da família humana; e isto é independente de quaisquer descobertas tecnológicas ou científicas que o futuro nos possa reservar. As pessoas, homens e mulheres, devem ser o ponto de referência de tudo aquilo que se faz para melhorar as condições

de vida. As mesmas pessoas têm de ser agentes activos, e não apenas receptores passivos, de todo e qualquer processo autêntico de desenvolvimento.

Outro princípio do desenvolvimento em relação com a solidariedade é a necessidade de *promover os valores que sejam verdadeiramente benéficos para os indivíduos, e para a sociedade*. Não basta estender a mão àqueles que se encontram na necessidade. Temos de os ajudar a descobrir os valores que os ponham a eles próprios em condições de construir uma vida nova e de ocupar, com dignidade e justiça, o lugar que lhes compete na sociedade. Todas as pessoas têm o direito de buscar e de alcançar o que é bom e verdadeiro. Todas têm o direito de escolher aqueles bens que elevam a vida; e a vida em sociedade não é, de maneira nenhuma, algo moralmente neutro. As opções sociais implicam consequências que podem promover ou podem degradar o verdadeiro bem da pessoa na sociedade.

No campo do desenvolvimento, e especialmente no do desenvolvimento assistencial, são apresentados, algumas vezes, programas que pretendem passar por serem «sem conotação de valores»; na realidade, porém, revelam-se como contrários aos valores da vida. Se se verificar que programas governamentais ou formas de auxílio global coaccionem virtualmente comunidades ou inteiros países a terem de aceitar, como preço para o seu crescimento económico, programas englobando o uso de anti-concepcionais e projectos para favorecer o aborto, tem que se dizer claramente e com vigor que semelhantes propostas violam a solidariedade da família humana, por isso mesmo que negam os valores da dignidade e da liberdade da pessoa humana.

Aquilo que é verdadeiro quanto ao desenvolvimento das pessoas individuais, mediante uma selecção de valores que elevam a vida, aplica-se também ao desenvolvimento da sociedade. Tudo aquilo que impede a autêntica liberdade vai contra o desenvolvimento da sociedade e das instituições sociais. A exploração, as ameaças, a sujeição forçada, a recusa por parte de um sector da sociedade a dar a outros oportunidades, são coisas inaceitáveis e contradizem a própria noção de solidariedade humana. Semelhantes actividades, quer no seio de uma sociedade quer mesmo entre nações, podem infelizmente apresentar durante algum tempo a aparência de êxito. Todavia, quanto mais se prolongarem essas condições, tanto mais provável se torna que elas venham a ser causa de ulteriores repressões e de um aumento da violência. Os germes da destruição, quando é assim, acham-se inoculados na injustiça institucionalizada. Recusar os meios para alcançar o pleno desenvolvimento a um sector de determinada sociedade, ou então a uma inteira nação, só poderá levar à insegurança e à agitação social. Isso fomenta o ódio e a divisão e destrói as esperanças de paz.

A solidariedade que favorece o desenvolvimento integral é aquela que *protege e defende a legítima violência de cada pessoa e a justa segurança de cada nação*. Sem esta liberdade e segurança faltam as verdadeiras condições para o desenvolvimento. Não só os indivíduos, mas também as nações têm de ter possibilidades

(Continua na página 3)

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO
Quinzenário regionalista e independente

Director:

Paulo Ferro

Sub-directores:

Dr. Francisco António Pereira Alves (Amares)
Prof. Américo Maria Simões Pereira (Terras de Bouro)

Redacção é Administração:

Santuário de Nossa Senhora de Abadia
Santa Maria de Bouro
4720 AMARES

Delegações:

BRAGA — Largo de Santa Cruz, 13
Tel.: 27602 • Telex: 32288
4700 BRAGA

AMARES — Casa do Dr. Francisco Alves
Bairro de Santa Catarina
Ferreiros
Tel.: 63334
4720 AMARES

TERRAS DE BOURO — Casa do Prof. Américo Pereira
Assento - Ribeira
Tel.: 35242
4840 TERRAS DE BOURO

Propriedade da Confraria de Nossa Senhora de Abadia

DEPÓSITO LEGAL: N.º 12453/86

Composto e impresso: «Editora Correio do Minho»
Rua do Caires, 133
4700 BRAGA — APARTADO 290

Assinatura anual: Para território nacional, 600\$00; Para o estrangeiro, 1.000\$00. Preço avulso: 25\$00.

LOKA'S

ÉCO DO PASSADO E DO PRESENTE

Av. dos Banhos, 860 r/c
4490 PÓVOA DE VARZIM

ARTESANATO • ANTIGUIDADES • VELHARIAS



PELO SANTUÁRIO



CASAMENTOS

Contrairam seu casamento católico no Santuário de Nossa Senhora da Abadia:

Em 18 de Dezembro Amândio Rodrigues Antunes e Maria Goretti Antunes Pimentel, naturais desta freguesia de Bouro, Santa Maria, Amares e nela residentes;

Em 25 de Dezembro, João Evangelista Veloso e Margarida Rosa da Costa, ele natural da freguesia da póvoa de Lanhoso e residente na de Geraz, ela natural da freguesia de Geraz e residente na de Monsul, concelho da Póvoa de Lanhoso;

Em 28 de Dezembro, Manuel dos Reis da Mota e Maria do Sameiro Gonçalves de Oliveira e Silva, naturais da freguesia de Padim da Graça, concelho de Braga, e nela residentes.

BODAS DE PRATA

No dia 30 de Dezembro, Manuel da Costa Fernandes e Maria do Céu Ferreira, da freguesia de Garfe, Póvoa de Lanhoso, celebraram as Bodas de Prata do seu casamento, no Santuário.

O seu pároco celebrou-lhes a eucaristia a que assistiram os filhos, pessoas de família e muitos amigos.

NOVA IRMÃ DA CONFRARIA

A Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia admitiu na sessão de 13 de Dezembro passado Maria de Fátima da Silva Antunes como irmã da Confraria, com o número de ordem de inscrição 1925.

PLANTAÇÃO DE ÁRVORES

No dia 30 de Dezembro, uma equipa de homens do lugar de Ventozelo com o mesário da Confraria Sr. Henrique Domingues andou a roçar o mato e a limpar o terreno na Sorte detrás dos Quartéis, para a plantação de árvores.

Os montados à volta do Santuário são muito íngremes, levam tempo a prepará-los para se fazer a plantação; a mesa da Confraria bem a queria terminar este inverno.

A MISSÃO DE JESUS É PARA TODOS

A Igreja convida-nos a aprofundar o nosso compromisso missionário e a solidariedade com todos os irmãos do mundo.

Todos somos chamados a colaborar com as missões oferecendo a nossa oração, o nosso sacrifício, ajudando economicamente e dando parte do nosso tempo às nossas famílias, à nossa comunidade e aos grupos nos quais participamos, para criar uma consciência missionária. Alguns jovens são chamados pelo Senhor a partirem a anunciar a «BOA-NOVA».

TESTEMUNHO DE TRÊS IRMÃS MISSIONÁRIAS

«Em Uganda continuam as lutas e os sofrimentos... As missionárias tiveram a possibilidade de regressar à sua terra. Porém preferimos ficar para partilhar a vida e o sofrimento deste povo.

Agradecemos a oração que oferecem a Deus por nós para que possamos continuar a trabalhar e ajudar estes irmãos ugandeses na reconstrução deste país» (Irmã Emília).

«Trabalho num centro de formação de agentes pastorais onde se dá, além das matérias religiosas, uma preparação no sector do desenvolvimento, emfermagem e cursos especiais para as mães e professores. É um trabalho interessante ao qual me dedico com muito empenho porque é um nível mais intenso daquele que realizamos antes no Zaire» (Irmã Conceição).

«São quase 11 horas da noite e escrevo-lhes à luz de um candeeiro a petróleo. Apesar de ser noite, não quero deixar passar a oportunidade para vos escrever. Amanhã começarei uma nova etapa da minha

vida missionária. Há quatro dias deixei Juba para dirigir-me a uma nova missão. Viverei numa comunidade de religiosas sudanesas para as ajudar na formação das candidatas à vida religiosa. Sou a única estrangeira que viverei com elas e, embora no princípio não será fácil, agradeço ao Senhor por este novo trabalho.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE JOÃO PAULO II

(Continuação da página 2)

de tomar parte nas escolhas que lhes dizem respeito. A liberdade de que devem usufruir as nações, para poderem assegurar o próprio crescimento e desenvolvimento como parceiros em pé de igualdade na família das nações, depende do respeito mútuo entre elas. Procurar a superioridade económica, militar ou política à custa dos direitos de outras nações, é algo que faz periclitir qualquer perspectiva de verdadeiro desenvolvimento e de verdadeira paz.

7. Solidariedade e desenvolvimento: duas chaves para a paz

Pelas razões acabadas de apontar, propus que este ano se reflectisse sobre o *solidariedade e o desenvolvimento como chaves para a paz*. Cada uma destas realidades tem o seu próprio significado específico. Uma e outra são necessárias para serem alcançados os objectivos que visamos. A *solidariedade é ética* por sua própria natureza, porque implica uma afirmação de valor sobre a humanidade. Por isso mesmo, as suas implicações para a vida humana no nosso planeta e para as relações internacionais também são de ordem ética. Com efeito, os vínculos comuns de humanidade exigem de nós que se viva em harmonia e se procure promover uns para os outros tudo aquilo que é bom. É em virtude destas implicações éticas que a *solidariedade é uma chave fundamental para a paz*.

É sob esta mesma luz, ainda, que o *desenvolvimento* nos aparece com o seu significado pleno. Não se trata já simplesmente de melhorar determinadas situações ou determinadas condições económicas. Em última análise, o desenvolvimento torna-se uma questão de paz, porque ajuda a levar a bom termo aquilo que é bem para os outros e para a comunidade humana no seu conjunto.

No contexto de uma solidariedade verdadeira não há perigo de exploração ou de má utilização dos programas de desenvolvimento, só em benefício de um pequeno número de privilegiados. Pelo contrário, o desenvolvimento torna-se então um processo que envolve os diversos membros da mesma família humana, enriquecendo-os a todos. Enquanto que a solidariedade proporciona a base ética para actuar adequadamente, o desenvolvimento torna-se a oferta que um irmão faz a outro irmão, de modo que ambos possam viver mais plenamente, no âmbito daquela diversidade e complementaridade que são como que as marcas de garantia da civilização humana. E deste dinamismo que resulta a harmoniosa «tranquillitas ordinis» (tranquilidade da ordem) que constitui afinal a verdadeira paz. Sim, a solidariedade e o desenvolvimento são duas chaves para a paz.

8. Alguns problemas modernos...

Muitos problemas, dentre aqueles que o mundo tem de enfrentar neste início do ano de 1987, são realmente complexos e parecem quase insolúveis. Apesar disso, se acreditamos na uni-

cidade da família humana e se insistimos no facto de que a paz é possível, a nossa reflexão em comum sobre a solidariedade e o desenvolvimento, como chaves para a paz, pode lançar muita luz sobre essas situações críticas.

Assim, o problema que se arrasta da *dívida externa* de numerosas nações em vias de desenvolvimento poderia ser visto com novos olhos, se todos aqueles a quem ele diz respeito incluíssem conscientemente estas considerações éticas nas avaliações dos dados de facto e nas soluções propostas. Muitos aspectos deste problema — como, o proteccionismo, os preços das matérias primas, as prioridades nos investimentos, o respeito pelas obrigações contraídas e, ainda, o ter ãa devida conta a situação interna dos países devedores — ficariam beneficiados se, em espírito de solidariedade, se buscassem soluções que promovessem um desenvolvimento estável.

Em relação à *ciência e à tecnologia*, estão a surgir novas e profundas divisões entre aqueles que dispõem de recursos tecnológicos e os que deles não dispõem. Ora semelhantes desigualdades não favorecem a paz e o desenvolvimento harmónico, mas agravam as situações de desigualdade já existentes. Se as pessoas são o sujeito do desenvolvimento e a finalidade que ele tem em vista, torna-se imperativo ético da solidariedade uma participação mais ampla das nações menos avançadas nos progressos das aplicações da tecnologia, assim como há o mesmo imperativo quanto à recusa ao fazer desses países um terreno de experiências problemáticas e um lugar de vazão para produtos duvidosos. Há Organizações internacionais e alguns Estados que estão a enviar notáveis esforços neste sentido. Tais esforços representam uma contribuição importante para a paz.

Estudos recentes sobre as relações entre *desarmamento e desenvolvimento* — dois dos problemas mais cruciais com que se debate o mundo dos nossos dias — põem em realce o facto das tensões actuais entre o Leste e o Oeste e as desigualdades entre o Norte e o Sul representarem sérias ameaças contra a

É a primeira vez que tenho a oportunidade de viver numa forma radical a minha vocação missionária deixando os meus costumes, estilo de vida... tudo, para encarnar-me cem por cento na vida do povo sudanês. Verdadeiramente não me sinto preparada para este serviço, porém creio que é o momento de dar começando da minha pobreza.

Peço-vos o vosso apoio e ajuda espiritual para que o Espírito me guie a fazer de ponte entre os meus irmãos sudaneses e Cristo que me consagrou» (Irmã Maria).

E TU JOVEM, DE QUAL MANEIRA O SENHOR TE PEDE DE COLABORAR COM AS MISSÕES?

Ir. J. Ferreira, mccj (m. comboniano)

paz no mundo. Torna-se cada vez mais claro que um mundo em paz, no qual esteja garantida a segurança dos povos e dos Estados, reclama uma solidariedade activa, nos esforços em prol tanto do desenvolvimento como do desarmamento. Não há Estado algum que possa eximir-se a sofrer as consequências da pobreza dos outros Estados; como não há Estado algum que possa ficar isento de sofrer prejuízo com o malogro das negociações sobre o desarmamento. E não podemos esquecer ainda as chamadas *guerras localizadas* que tão graves tributos pagam em vidas humanas. Todos os Estados têm responsabilidades pela paz no mundo; e esta paz não poderá ser garantida, enquanto a segurança baseada nas armas não for gradualmente substituída pela *segurança baseada na solidariedade da família humana*. Uma vez mais, quero aqui fazer o apelo para que sejam intensificados ainda os esforços no sentido de reduzir as armas ao mínimo necessário para a legítima defesa e para que sejam incrementadas as medidas que visam ajudar os países em vias de desenvolvimento a terem confiança em si mesmos. Somente desta forma a comunidade dos Estados poderá viver em verdadeira solidariedade.

Existe ainda uma outra ameaça contra a paz, ameaça que, em todo o mundo, corrói as próprias raízes da sociedade: a *crise grave da família*. A família é a célula fundamental da sociedade. A família é o espaço onde primeiro se verifica ou não se verifica o desenvolvimento. Se ela for sã e íntegra, há grandes possibilidades de um desenvolvimento integral para o conjunto da sociedade. Mas, com demasiada frequência, não é assim.

Em numerosas sociedades a família tornou-se um elemento social secundário. Está relativizada por diversas interferências e, muitas vezes, não encontra no Estado aquela tutela e apoio de que precisa. Com muita frequência, ainda, ela se vê privada dos meios equitativos, a que tem direito, para estar verdadeiramente em condições de crescer e proporcionar aos seus membros um clima em que eles possam desenvolver-se e prosperar. O fenómeno das famílias descon-

juntadas, o facto de os membros de uma família se verem obrigados à separação para sobreviverem, ou a impossibilidade de encontrar um alojamento para poderem fundar uma família ou para subsistirem, como grupo familiar, são tudo sinais de um subdesenvolvimento moral ou de uma sociedade que baralhou os seus valores. A importância que um povo ou uma nação dispensam ao desenvolvimento das famílias constitui um índice fundamental da sua saúde. As condições propícias para a harmonia da sociedade e da nação; e isto, por sua vez, favorece a paz tanto no interior das mesmas como no mundo.

Nos nossos dias deparamos com o espectro terrível de crianças abandonadas ou forçadas a sujeitarem-se ao mercado do trabalho. Vemos crianças e jovens a vagarem nos bairros pobres das periferias, ou então nos grandes aglomerados impessoais das cidades, onde encontram apenas escassos meios para subsistir e poucas ou nenhuma esperanças de futuro. A derrocada das estruturas da família e a dispersão dos seus membros, em particular dos mais jovens, e os consequentes males que os atingem — abuso das drogas, alcoolismo, relações sexuais passageiras e banalizadas, exploração por parte de outros — são elementos negativos quanto ao almejado desenvolvimento de toda a pessoa; este só a solidariedade social da família humana o pode facultar. Olhar bem nos olhos as outras pessoas e perscrutar, desse modo, as esperanças e as angústias de um irmão ou de uma irmã, é descobrir o sentido da solidariedade.

9. ...que para todos nós constituem um desafio.

Aquilo que está em jogo é a paz: a paz civil, no interior das nações, e a paz mundial entre os Estados (cf. *Populorum Progressio*, n. 55). O Papa Paulo VI, há vinte anos, teve disto clara intuição. Ele apreendeu-se bem da conexão intrínseca que existe entre as exigências da justiça no mundo e a possibilidade da paz para o mundo.

(CONTINUA)



Francisco Oliveira

MÁQUINAS DE COSTURA

INDUSTRIAIS

SEDE: R. NOVE DE ABRIL, 612 — TELS. 496738-494378 — TELEX 23393 FRAMAQ P — 4200 PORTO
FILIAIS: URBANIZAÇÃO S. JOSÉ, B. 3-4 — ESCADAS — 4750 BARCELOS — TELEF. 82022
LUGAR DE ARCAS — CRISTELOS — 4620 LOUSADA — TELEFONE 912904

AMARES

A MISSA DE NATAL

A nossa Missa de Natal, desta vez, foi celebrada um pouco mais tarde. Às 9,30 horas.

A igreja estava repleta de fiéis. No presépio, a imagem do Jesus Menino parecia sorrir para todos nós.

No coro, o nosso Orfeão acompanhou o cerimonial litúrgico com cânticos apropriados.

No final da Celebração Eucarística, todos beijámos o pezinho do Menino Deus, depondo, no cestinho, um óbulo simbólico de reconhecimento pelas bênçãos obtidas.

ATROPELAMENTO

Pelas 14,30 horas do dia 26 do mês findo, junto da capelinha do Senhor dos Passos, a Gregória Moleira foi atropelada por uma carrinha auto.

Os ferimentos resultantes aconselharam a sua imediata hospitalização. No entanto, já se encontra no seu domicílio, mas sob vigilância médica.

CÃES À SOLTA

A Maria da Patrocínia Miranda foi atacada, por um

cão, ali para os lados da rua do antigo pomar.

Foi seriamente mordida, tendo sido necessário ser submetida a tratamentos clínicos de urgência.

FALECIMENTO

Faleceu, em Dornelas, a Ermelinda Monteiro. Contava 76 anos.

O seu funeral realizou-se na tarde de 26 do mês passado, com Missa de corpo presente, tendo sido sepultada no nosso cemitério.

ANIVERSÁRIO

Esta nossa assinante completou 66 anos de idade em 21 de Dezembro último.



Seus filhos e netinhos felicitaram-na, condignamente

e formularam-lhe votos de longa vida.

ASSIM VAMOS EM FUTEBOL

— O nosso «Estrelas de Figueiredo» foi ao «Espinho» disputar a oitava jornada do Campeonato Distrital da III Divisão da A. F. de Braga, Série «C».

A competição foi interrompida, a quinze minutos do seu final, com o empate a três bolas, devido ao intenso lençol de nevoeiro que pairava sobre aquela região.

Desconhece-se ainda a data da repetição do encontro.

— No jogo com o «Covelas», a contar para a nona jornada do referido campeonato, obteve o resultado de 2-0. Golos de Raúl e Paulo Brito.

A partir de certa altura, estiveram apenas nove jogadores de cada clube, em campo. Uma lesão e três cartões vermelhos, originaram aquela redução de elementos.

ESTAMOS EM CONTACTO COM OS NOSSOS EMIGRANTES ESPALHADOS PELO MUNDO

confeccções

J U A L

Vestuário para Homem Senhora e Criança
Especialidade em vestidos de Noivas

RUA GIL VICENTE, 69-71
GUIMARÃES

PROZELO

BAPTIZADO

Foi baptizado no dia 28 de Dezembro de 1986 o menino Jorge Alexandre da Silva Oliveira nascido no dia 20 de Novembro de 1986. É filho de Francisco Marques de Oliveira e de Maria da Glória Lima Oliveira.

ANIVERSÁRIOS

O sr. Ernesto Silva, ex-sargento do Exército vai completar 58 anos no dia 6 de Janeiro.



Para ele mil felicidades lhe deseja a família.

A TRADIÇÃO DOS REIS

No dia 6 de Janeiro, no dia dos Reis, o grupo coral de Proselelo, porque não queria deixar morrer a tra-

dição, vai, assim, mais uma vez, cantar os Reis a todos os seus paroquianos, cantando louvores ao Menino Jesus.

POEMA

O ter o mundo nas mãos
É sinal de muita responsabilidade;
Momentos de alegria e de vitória.
Mas aguentá-lo e dominá-lo
São momentos de aflição e tentação.

Imaginar ter um mundo
Numa simples flor é ter momentos de amor,
De ilusão é entregar o coração
É viver o dia-a-dia
Com esse mundo na mão.

Sonhar só, não chega!
Viver e ver o tempo a passar não interessa!
Dar o tempo como perdido é morrer!

Todos os dias tem um
Amanhecer, uma manhã e um meio-dia
Nenhum dia é igual.
Um dia chove, no outro brilha o sol,
Outro mais traz-nos o vento
Que nos bate e acaricia a face.
Nós nunca pensámos
No mais pequeno pormenor da natureza
Que acontece de espectacular.
Muitas vezes nem o imaginamos.
Imaginamos apenas
O que queríamos ter e não temos.
Como o vamos conseguir?
E por onde vamos começar?

Filomena Araújo

F A CHO

ESTILO-QUALIDADE
FABRICADO
EM PORTUGAL

Fábrica de
fatos
casacos
calças

de alta categoria!



À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

Ponte dos Falcões

Telefone 71 2 10

Maximinos - 4700 Braga

Telex 32288 Facho

PADARIA UNIVERSAL

DE *António José Fernandes*

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO
E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA
TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO
O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS
PREFIRA O DA **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONE 66125

SANTA MARIA DE BOURO • AMARES

TERRAS DE BOURO

CONCLUSÃO DE OBRAS

A Comissão de Obras desta paróquia comunica a todos os soutenses residentes ou emigrantes de que as obras na igreja paroquial chegaram ao seu termo, com a colocação do telhado novo, rufos e caleiros. Antes tinha sido o restauro do interior. As despesas orçaram em cerca de 1.500 contos, mas graças à generosidade de todos, não há déficite. O Templo Sagrado está bonito. Deus tudo merece. Estamos todos de parabéns.

Agora, a meu ver, à Comissão de Obras apresenta-se um novo desafio — reparação e ampliação do salão paroquial que pode servir para diversos fins. Uma catequese organizada e moderna exige que os alunos

SOUTO

sejam distribuídos por classes, haja um ficheiro e um local de recepção. Além disso, há muitos assuntos paroquiais que deviam ser estudados e discutidos — há necessidade de formar cristãos conscientes e responsáveis — e a igreja não é o local indicado.

Nós, os pais, devíamos fazer um grande esforço para que os nossos filhos tivessem uma catequese dada à sua medida e de harmonia com os tempos actuais. Não continuemos a pensar e a agir como o fizeram os nossos antepassados. O mundo tem de mudar. Caso contrário, o fosso é cada vez maior entre as gerações. Depois lamenta-

mo-nos... A nossa descendência necessita de uma formação espiritual sólida, a ver se acabamos com os drogados, os selvagens e outros defeitos graves.

LIQUIDAÇÃO DE ASSINATURAS

Liquidaram o custo da assinatura do jornal «A Voz da Abadia», relativa a 1986, Manuel António Martins, da Amadora (4 meses) e Firmino Vieira, Igreja-Souto (5 meses).

SABIA QUE...

Depois de algumas quezílias, a Assembleia desta freguesia aprovou o Plano de Actividades da Junta para 87, quando já se falava em demissão e até em eleições antecipadas?

A Junta vai alargar, du-

rante o corrente ano, o caminho das Lages?

A direcção actual da Associação pensa em realizar eleições até 15 de Janeiro?

Há quem preveja que agora com as novas instalações é possível ressuscitar o espírito e o entusiasmo que presidiram à criação da Associação e que ultimamente tão arredados têm andado dos seus sócios?

A Junta propôs à Câmara o enquadramento das seguintes realizações, no seu Plano Anual para 87: alcatroamento do acesso principal Pêdre-Igreja, ampliação do cemitério, construção de um reservatório de água e respectiva rede de abastecimento ao domicílio para os lugares da Porta, Devesa, Lages e Caneiro, alargamento do caminho do lugar do Paço, alcatroamento do caminho municipal desde a Capela de S. Roque até à estrada nacional passando pela Devesa?

RIO CALDO

DO SEU PASSADO AO SEU PRESENTE

Com a devida permissão do correspondente deste jornal pela freguesia de Rio Caldo, proponho-me levar até junto dos leitores através de algumas notícias comentadas, o evoluir desta terra, cujo passado tem sua história e o presente seu interesse. Relativamente ao seu passado, já alguém escreveu tratar-se de «uma terra próspera e que dentro de si existe uma grande fábrica: S. Bento da Porta Aberta. É possível assim constatar-se que homens de estirpe e valor hegemónico conseguiram — no meio das adversidades — criar aqui as condições indispensáveis ao quotidiano mais imediato. Foi pela vontade intrínseca desses homens que Escola, Casa do Povo e a própria Igreja aqui se edificaram, além de outros serviços que já existiram e hoje foram extintos — caso do Posto dos C.T.T. e outros que a não serem acautelados deixarão de existir também. Mas a par do que permanece e do que desaparece, há o que surge. Nos últimos tempos surgiram aqui: o Grupo Cultural Desportivo e Recreativo de Rio Caldo, cujos alicerces já se vão consolidando, um Núcleo da Cruz Vermelha Portuguesa, uma Farmácia, adaptada às realidades e exigências da medicina contemporânea, um Posto Médico e um Centro Paroquial.

Porque os «últimos serão os primeiros», proponho-me

hoje falar deste último. A sua existência é pouco conhecida e as suas potencialidades, talvez ainda em fase de estudo. Concretamente já tem a seu cargo e a dinamização é aproveitamento — extra-escolar — dos tempos disponíveis, para crianças de ambos os sexos, proporcionando-lhes — com a colaboração de uma funcionária — o aprofundamento das matérias escolares. Estão ao serviço deste Centro, uma vigilante e uma servente auxiliar. O fundador e presidente é o Rev. Padre Avelino, pároco desta freguesia.

No dia 19 de Dezembro, foi concretizada uma Ceia de Natal. Esta iniciativa, que apenas se destinava às crianças que o frequentam, foi por vontade da Direcção alargada a todas as crianças das escolas primárias de Rio Caldo. Eram cerca de 150 crianças.

O trabalho preparatório foi efectuado pelo pessoal do Centro em colaboração com as professoras e empregadas das escolas. O Centro ofereceu o bacalhau e os presentes de Natal, rondando a despesa os 50 contos. O Sr. Presidente da Câmara esteve presente. Dando continuidade a esta iniciativa no dia 22 à noite foi a ceia de Natal para os jovens.

Desta forma o Centro Paroquial de Rio Caldo, avança com actividades meritórias que criando bem estar, vão engrandecendo esta terra e minorando carências.

AVELINO SOARES

Os jovens e a Formação profissional

(Continuação da página 1)

Centro Regional de Segurança Social, o FAOJ, a D.G.E.A. e a Comissão da Condição Feminina. O diálogo estabelecido foi muito importante para os jovens, pois os vários serviços foram muito claros na informação bem detalhada dos inúmeros processos e caminhos que podem ser percorridos a fim de criar novos postos de trabalho. Em seguida todos puderam ver os trabalhos feitos pelas jovens que foram

expostos em 3 séries: numa as peças feitas em lã, linho e trapo; noutra as peças feitas em algodão e ainda numa outra uma passagem de modelos, com vestuários por si confeccionados.

No final foi passado em vídeo uma reportagem que tinha sido feita durante a formação.

As jovens estavam contentes, os convidados também, uniram-se as vozes dizendo: valeu a pena.

C.

CIBÕES

Graças à iniciativa do Encarregado de Direcção da Escola de Gilbarbedo n.º 1, freguesia de Cibões, concelho de Terras de Bouro, os alunos matriculados na referida Escola beneficiaram de uma maravilhosa festa de Natal.

Assim, o referido professor contactou a empresa «Grundig Electrónica Portugal, Lda.» e esta teve a gentileza de oferecer um televisor a cores à Escola de Gilbarbedo n.º 1, um óptimo lanche e prendas para todos os alunos.

O nosso muito obrigado à empresa «Grundig Electrónica Portugal, Lda.» e parabéns ao Prof. Eduardo Melo pelo seu espírito de iniciativa que proporcionou talvez o melhor Natal de sempre às crianças de Gilbarbedo.

A Delegação Escolar de Terras de Bouro

Festa de Natal na Câmara Municipal de Terras de Bouro

Nos dias 19 e 20 do mês de Dezembro de 1986, a Câmara Municipal de Terras de Bouro, realizou uma modesta Festa de Natal com todos os seus funcionários e pessoal trabalhador.

No dia 19, houve tolerância de ponto da parte da tarde, depois de ter sido oferecido um almoço na Pensão Rio Homem para todos quantos trabalham para este Município.

No decorrer da cerimónia, usou da palavra o sr. Chefe de Repartição Administrativa e Financeira (Carlos Pereira), fazendo a apresentação do pessoal com o agradecimento pela cerimónia ao elenco camarário. Seguidamente tomou a palavra, o funcionário Abraão, usando para o efeito a recitação de alguns versos alusivos à quadra natalícia, assim como outros relacionados com o acto que decorria.

Excelentíssimo Senhor Presidente
Senhores Vereadores;
Quero muito de repente
Dizer-vos algo, meus Senhores...

Não tenho palavra com dão
Para a sério me expressar;
Por isso escolhi então
Esta forma de ver-sejar,
Já que é boa ocasião
P'ra desta maneira falar...

Permitam-me que nesta hora
Mesmo sem grande coragem;
E antes de me ir embora
Aqui deixe uma mensagem:

Natal!... Festa de Natal!...
Quadra que a todos faz esquecer o mal
E em que, ninguém deixa de desejar;
Tudo quanto é de bom
Para que a ninguém falte o pão
E aos que fazem guerra, aprendam a amar!

Que aos tristes surja alegria
Aos doentes melhora
E aos pobres conforto igual;
A quem não tem dificuldade
P'ra viver com felicidade
Libertos de todo o mal!

Que esta Festa se repita
Agradável e tão bonita
Como correu desta vez;
É saudável bem o creio
E disso ninguém está alheio
Que é um bom hábito português!...

São banquetes muito caros
Razão pela qual são raros
E na verdade é de aceitar;
Deve evitar-se maus vícios
P'ra não cair-se em precipícios
Onde nos possam mergulhar...

A Ementa não foi má
Só faltou o que cá não há
Não se pode reclamar;
Teve sabor p'ra quem tem gosto
Irá ficar bem disposto
Todo o que tomou o paladar...

Lá por não haver cabrito
Não deixou de ser bonito
E toda a gente comeu bem;
Saibamos pois aceitar
Aquilo que nos apresentar
Esquecendo o que a Casa não tem...

Quanto ao bacalhau cozido
Espero que não tenha havido
Uma ou outra decepção;
Pois afirmo com justiça

Está provado que a hortaliça
É uma boa alimentação...

Quanto ao vinho, é muito bom
Parece do que gasta o patrão
Desta Casa bem afamada;
Oxalá, que por ser boa bebida
Não esqueça a porta de saída
A qualquer pessoa convidada...

Neste fraterno convívio
Haja ao menos um alívio
P'ra quem não gosta de ser;
Elemento numa festa
Tão bonita como esta
Que jamais pode esquecer...

De todos eu bem espero
Um agradecimento sincero
A quem manda na verdade;
Pois Este, se não me engano
Ordenará que p'ro ano
Haja nova oportunidade...

Também um muito obrigado
Por este meio feriado
Em que, a seguir vamos entrar;
Este foi mesmo à hora
Porque a seguir vamos embora
Cada qual para o seu lar...

Que seja sempre Natal
Nesta Câmara Municipal
Que nos dá o ganha pão;
Pois todos reconheceremos
E todos cá estaremos
Unidos sem excepção!...

Seremos a Grande Família
Presente sempre em vigília
Defendendo o nosso lema;
Que é, procurar sempre servir bem
Em qualquer hora, sem olhar a quem
Isto é virtude que não é pequena!...

Que reine sempre a verdade
Para que a honestidade
Seja desta Câmara brasão;
Pois desta forma seremos
Sempre os melhores e teremos
Do noso lado a razão!...

FINALMENTE:

Em nome de toda a gente
Eu quero sinceramente
Agradecer esta oferta;
O nosso muito obrigado
Estaremos sempre ao vosso lado
A nossa ajuda será certa!

No final, o Sr. Presidente da Câmara Municipal, apresentou um agradecimento a todos quantos têm colaborado nas tarefas inerentes ao município, referindo-se ainda da forma como os trabalhadores têm decorrido, e como deverão prosseguir de futuro.

Pouco tempo depois, o Sr. Presidente retirou-se por motivos de compromisso, assim como todos os Vereadores ali presentes, tendo sido finalizada a cerimónia logo em seguida em ambiente satisfatório.

AMARES

TOMOU POSSE A DIRECÇÃO DO NÚCLEO DA CRUZ VERMELHA DE AMARES

Realizou-se no dia 28 de Dezembro, em Amares, a tomada de posse da direcção do Núcleo local da Cruz Vermelha Portuguesa a que preside o Dr. Avelino Manuel Domingues, sendo vice-presidente João Silva, secretário Florinda Macedo e Silva e vogais Al-

berto Veloso Fernandes, José Manuel da Silva Oliveira, Dionísio Ferreira Pinheiro, Bernardino Soares de Oliveira e José Pires da Silva.

A cerimónia teve lugar no recinto da Escola Primária e foi seguida do juramento de Bandeira da primeira Escola de

Recrutas de Amares, num total de 44 elementos.

O programa da tomada de posse daquele Núcleo inclui ainda uma missa campal e a benção de uma ambulância.

Entretanto encontra-se em construção um edifício para a unidade de

socorros recém-formada, no loteamento da Granja.

Estiveram presentes algumas das individualidades civis, militares e religiosas convidadas a participar naquelas cerimónias que finalizaram com uma manifestação de operacionalidade pelos soldados da Escola de Recrutas de Amares.

FERREIROS (FEIRA NOVA)

FESTA DE SANTA LUZIA

A festa de Santa Luzia, no calendário litúrgico, tem lugar a 13 de Dezembro.

Neste dia, todos os anos é celebrada uma missa à noite comparecendo sempre muitos dos devotos de Santa Luzia, advogada das doenças dos olhos e também invocada nas calamidades do incêndio.

Este ano, a Santa Missa lá celebrada foi solenizada pelo Grupo Coral de Santa Maria de Ferreiros que

também solenizou, como de costume, a Missa do dia 26, começando assim antecipadamente com mais brilho as festividades em honra da milagrosa Santa Luzia.

É de longa data a celebração máxima de tais festividades a 26 de Dezembro.

As festas deste ano, com um programa aliciante, contaram, quer nas vésperas, quer no próprio dia 26 de Dezembro, com a presença de muitos forasteiros, ao ponto de o trânsito da estrada que passa no lugar de Vasconcelos, lugar onde decorrem sempre as festividades, ficar interrompido.

Bom será que, para o ano, este problema possa contar com uma solução capaz a fim de que o acesso à estrada que vem de Amares em direcção à Ponte do Porto, pelo Anjo da Guarda,

não seja vedado a quem, por qualquer razão, tenha que passar por Vasconcelos nos dias da festa.

O PRESÉPIO. DESTE ANO NA NOSSA IGREJA PAROQUIAL

Todos os anos o fazer do presépio na nossa paróquia, de formas diversificadas, tem contado com a colaboração de alguns elementos do Grupo Coral e de crianças da Catequese.

Este ano, graças ao esforço e ajuda de mais elementos do Grupo Coral de Santa Maria de Ferreiros, podemos admirar uma representação do presépio em forma tradicional que, de quantos o visitam, tem merecido comentários de apreço e incentivo à conti-

nuidade na realização do mesmo com o amor e carinho que o Natal do Menino Deus nos inspira.

Que para o ano, fica lançada a ideia, mais gente, com mais antecedência, possa levar a cabo a realização de um presépio resultante do estudo, da reflexão e das ideias de quantos queiram colaborar, comemorando-se, assim, o Nascimento de Jesus, Verbo de Deus que se fez Homem para a salvação da Humanidade.

MOVIMENTO PAROQUIAL EM 1986

Baptizados	— 55
Casamentos	— 23
Óbitos	— 7

C.

DORNELAS

CONSOADA AOS POBRES

Como tem sido prática habitual em anos anteriores e por Juntas de Freguesia anteriores tem sido atribuído aos pobres da freguesia uma consoada. Através do legado (quinta deixada para os pobres e administrada pela Junta). Assim no dia 25 de Dezembro, a Junta de Freguesia atribuiu a cada pessoa que se considerasse pobre um quilo de açúcar, 2 quilos de arroz e um garrafão de vinho.

Cada vez o número de pessoas é maior para receber a consoada. No entanto uns são pobres e, para esses é justo e merecido, outros são simples oportunistas que se aproveitam das situações.

Era bom que a honestidade e a justiça imperasse.

FESTA DE NATAL

Realizou-se no passado dia 1 de Janeiro a festa de Natal da Associação D. R. e C. de Dornelas.

Em prazo estabelecido foi aberto um concurso de composição escrita onde o tema como não podia deixar de ser era o Natal.

Chegaram composições de crianças desde os seis anos aos catorze.

Reunidas as composições a festa começou com um pequeno coro de crianças a cantar um tema de Natal que serviu de abertura ao espectáculo.

Seguiu-se depois a leitura por parte dos concorrentes das suas redacções ao público e para ser apreciadas por um júri constituído por três estudantes.

A diferença etária era diferente daí que surgiram dois escalões: dos 6 aos 10 anos e dos 11 aos 14 anos.

Houve um prémio destacado para o primeiro lugar de cada escalão e os restantes classificados foram também contemplados com livros, canetas, lápis e outros.

No encerramento foi lido por uma criança um poema de Natal e cantado um tema de Natal.

M. F.

BAPTIZADO

Foi baptizado no dia 25 de Dezembro o menino Joel, filho de Manuel da Silva Lago e Adelaide Ferreira de Jesus.

CASAMENTO

Realizou-se na igreja paroquial de Dornelas no dia 29 de Dezembro o casamento de Maria da Glória P. Vieira com Eduardo Antunes de Freitas, natural de Sequeiros.

Felicidades.

ÓBITOS

Faleceu no último dia de 1986 o sr. Evaristo José de Sousa que contava 88 anos de idade.

Paz à sua alma.

C.

PASSAGEM DE ANO

(Continuação da página 1)

desporto e nos jovens; que se assim não aconteceu nos mandatos anteriores é porque havia problemas mais urgentes tais como acessos, saneamento básico, electrificação do concelho, etc. Agora, sim, estão criadas as condições de arranque em pleno.

Vou registar um desabafo que o Sr. Presidente da Câmara deixou escapar e quem sabe traduzindo uma certa amargura que lhe vai no interior:

«A Câmara tem investido e continuará a investir nas Associações existentes no concelho, mas infelizmente nem todas elas têm correspondido».

Este assunto, a meu ver, deveria constituir matéria de reflexão, ponderação e ponto de partida talvez para muitas Associações. Gastar é fácil; saber aplicá-lo é difícil.

E à laia de conclusão, tenho a dizer que gostei imenso de ver o Centro Cultural quase concluído, de ouvir que o Gimnódromo e um parque de estacionamento serão realidades em breve, de observar elementos da Associação trabalhando no bar, na sala de reuniões e na ornamentação do salão, com autêntica alma jovem. Enfim, a promessa de que 1987 vai ser melhor que 1986.

JOSÉ MARQUES

37.º ANIVERSÁRIO

DO

CARDOSO DA SAUDADE EM BRAGA

Venda especial de Fatos, Calças, Casacos, Sobretudos, Gabardinas, Capas e Blusões, ao desbarato durante o mês de Janeiro

CARDOSO DA SAUDADE
Largo de Santa Cruz — BRAGA

TERRAS DE BOURO

RIBEIRA

No dia 25 de Dezembro/86 celebrou-se, nesta freguesia, a festa do Menino. Um grupo animado de pessoas, após ter mandado restaurar a imagem existente do Menino Jesus (que se encontrava em estado de bastante degradação), levou a efeito uma pequena festa com missa solene, cantada pelo grupo coral paroquial de Souto, e finalizada com uma imponente sessão de fogo. Este encontro, que se realizou com as dádivas do povo desta freguesia foi uma maneira digna de celebrar esta quadra natalícia.

assembleia geral de sócios da Associação Cultural de S. Mateus da Ribeira. Esta destinou-se à apreciação e aprovação do relatório de contas e à discussão do plano de actividades para 1987, apresentado pela direcção da Associação à Assembleia Geral.

O Relatório de Contas foi aprovado por unanimidade e o plano, sem qualquer alteração, foi também aprovado com o voto positivo de todos os associados presentes. Embora se trate de um plano parecendo ambicioso mais não é do que a

tentativa de satisfação das necessidades expressas pela A.C.R.I. e pela população em geral.

Para a sua concretização contamos com o total apoio da Câmara Municipal de Terras de Bouro, outras entidades e organismos, para que esta comunidade possa

ver as suas aspirações satisfeitas (justas e necessárias) no mais curto espaço de tempo possível. Pensamos que só assim conquistaremos a dignidade precisa à participação de cada indivíduo na sociedade e desta pequena localidade no todo nacional, fugindo um pouco

à marginalização a que temos sido votados.

FALECIMENTO

No dia 25 de Dezembro realizou-se o funeral da senhora Rita Gonçalves, até então residente no lugar de Gogide e que havia falecido no dia anterior.

A todos os filhos e outra família um voto de profundo pesar.

PAGARAM AS ASSINATURAS DE «A VOZ DA ABADIA»

João de Sá Gonçalves, Guimerães; Armando Pereira Gonçalves Araújo, Ribeira; Maria Rosa dos Santos Mota, Lisboa e José Joaquim dos Santos Mota, Mirandela.

C.

Concurso de Desenho Livre:

«O Emigrante visto pelas crianças»

O presente concurso é dirigido às crianças que frequentam a 1.ª e 2.ª fases do ensino primário e sejam residentes no distrito de Braga.

As candidaturas ficarão submetidas à apresentação de trabalhos sobre a emigração, devendo os mesmos apresentar as dimensões de 30x40.

SEGUE-SE O REGULAMENTO A QUE OBEDECE:

1. A Secretaria de Estado das Comunidades

Portuguesas institui prémios para desenhos da autoria de crianças que frequentem a 1.ª e 2.ª fases do ensino primário e sejam residentes no distrito de Braga.

2. O tema dos trabalhos a apresentar é a Emigração.

3. Podem candidatar-se todas as crianças referidas no n.º 1 deste regulamento.

4. Os prémios são os seguintes:

1.º Prémio—1 estojo de desenho, 1 jogo de pincéis e tintas, 1 conjunto de gravuras ou fo-

togravuras sobre motivos portugueses.

2.º Prémio—1 estojo de desenho e uma caixa de lápis de cor.

3.º ao 10.º Prémio—1 jogo recreativo.

5. Cada candidato apenas pode apresentar um desenho original.

6. Os candidatos devem enviar os trabalhos acompanhados de subscrito fechado contendo os seus elementos de identificação ao Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas—Delegação de Braga—Rua 25 de Abril, n.º 457-2.º Esquerdo—4700 Braga, até 29-01-87 (preterivelmente).

7. Os desenhos não são assinados mas terão no verso uma marca individualizadora, que será também aposta no exterior do subscrito que contém a identificação e a residência do autor.

8. Findo o prazo de entrega de originais, estes serão apreciados por um júri com a seguinte composição:

—Um representante do ensino primário, a designar pela DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE BRAGA;

—Um professor de Educação Visual do Ensino Básico, a designar pelo MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO;

—Um representante da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas a designar pela SECRETARIA DE ESTADO.

9. O júri decide sobre a sua própria organização e sistema de atribuição de votos.

10. Os trabalhos a

premiar terão que receber votos de pelo menos 2 membros do júri.

11. O júri poderá não atribuir os prémios que entenda, conforme decisão baseada na qualidade dos trabalhos enviados.

12. As decisões do júri são irrecorríveis mas constarão de Acta.

13. Os prémios são atribuídos até 05-02-87 e os premiados terão conhecimento da escolha dos seus trabalhos, através de comunicação da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

14. Os desenhos premiados ficam propriedade da SECP's, a qual se reserva o direito de os imprimir e, por qualquer forma, os reproduzir ou divulgar.

15. A SECP's reserva-se o direito de expor publicamente todos os desenhos apresentados.

16. Os prémios são entregues em sessão pública em data e local a designar.

17. Os desenhos não premiados podem ser levantados pelos seus autores ou por quem os represente no prazo de três meses contados da data de atribuição dos prémios.

17.1 Os trabalhos não levantados ficam propriedade da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

O presente concurso, cuja data de entrega de trabalhos havia sido marcada para 16-12-86, foi alargado ao distrito de Viana do Castelo, e prorrogada a data de entrega dos trabalhos para 29 de Janeiro de 1987.

Eugénio Portugal

No dia 28 de Dezembro/86 realizou-se mais uma



SERRALHARIA CIVIL

MARTINS & SOUSA, L. DA

- ★ Caixilharia de alumínio
- ★ Marquises
- ★ Gradeamentos
- ★ Divisórias silos
- ★ Coberturas e qualquer tipo de serviços em ferro



«CORTE E QUINAGEM DE CHAPA»

LUGAR DA AMARELA

FERREIROS • TELEF. 73328 • 4700 BRAGA

Restaurante da Abadia

(JUNTO AO SANTUÁRIO)

— DE —

João Baptista de Jesus Antunes

ESPECIALIDADES:

Bacalhau, Papas de Sarrabulho, Cozido à Portuguesa, Cabrito, Leitão, etc.

BONS VINHOS DA REGIÃO

SALAS COM CAPACIDADE PARA 700 PESSOAS

Casamentos, Baptizados, Aniversários, Reuniões de Curso, Confraternizações

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 66139

ABERTO TODOS OS DIAS

SANTA MARIA DE BOURO

(Junto ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia)

4720 AMARES

VALDOSENDE

A Associação Cultural e Desportiva desta freguesia com sede em Proselo, não esquece as crianças filhas dos seus associados e não só, por ocasião do Natal.

Com a sua festa realizada no CATE, o programa compreendeu com cantigas e poemas alusivos ao Natal, seguindo-se uma exibição de ballet com muita categoria a ter em conta, com teatro e palhaços, tudo isto com prata da casa e de se lhe tirar o chapéu.

No final foram distribuídos brinquedos.

EMIGRANTES

Muitos emigrantes vieram passar as festas de Natal à sua terra junto das famílias.

Para todos um bom ano de 1987.

FALECIMENTO

— António Firmino Loureiro Figueiredo

No passado dia 25 de Dezembro, dia de Natal, à noite, entregou a alma ao Criador, sofrendo com a maior resignação cristã, o Sr. António Firmino Loureiro Figueiredo, que residia na cidade do Porto e veio passar a data festiva com seus irmãos.

O extinto, homem de carácter, honesto e exemplar chefe de família e pastor da Igreja quando exercia o sacerdócio, nasceu na vizinha freguesia de Rio Caldo há 61 anos.

Durante muitos anos parouquiou a nossa freguesia. A sua morte deixou um vácuo na família e nos amigos. Ainda não havia decorri-



do um mês, tive o ensejo de com ele conversar, o que veio a acontecer pela última vez. Senti alegria em o ver e cumprimentar mas, ao mesmo tempo triste, por me dizer que sua saúde não era das melhores, por isso, sofredora. Mas a vida é assim, para todos os que passam por este mundo de incerteza. Dele recordo que há mais de 28 anos e em jeito de jactância, aos seus seminaristas por quem tinha gosto, dizia:—Quando chegará Senhor a minha hora? Mas quero o que tu queres, porque confio em Ti, na Tua força e no Teu amor. Não permitas que me separe de Ti, nem na vida nem na morte, nem na eternidade. Me perdoe por não serem textuais, mas era mais ou menos isto o que nos ensinava.

Agora baixou à terra fria para sempre, no cemitério do Chamadouro, em campo de família, o corpo do amigo Figueiredo. Que Deus o tenha a seu lado, já que em vida sempre pensou praticar o bem.

Expressamos os nossos profundos sentimentos a toda a família enlutada.

VALDELINO

SERRAÇÃO DE MADEIRAS (EXPORTAÇÃO)

José Freitas da Mota

Telefone 36118 Lamoso — Caldelas 4720 AMARES

ENVIE O SEU DONATIVO PARA AS OBRAS DO SANTUÁRIO

O Plano de Actividades da Câmara Municipal de Amares para 1987 deixou a Santa Casa da Misericórdia triste

A Câmara Municipal do concelho de Amares apresentou à Assembleia Municipal do mesmo concelho o seu plano de actividades para o próximo ano de 1987.

Como tónica mais saliente (e é de louvar) avultam, como grandes beneficiados, a viação rural e a distribuição de água ao domicílio.

No que concerne às associações, abrangendo as colectividades culturais, recreativas e desportivas, todas foram contempladas com a atribuição de verbas que rondam os 20 mil contos.

Quanto à viação rural a Câmara Municipal vai investir 25 mil contos.

Não esqueceu, também, a Cooperativa

Agrícola de Amares, a feira franca e as tradicionais festas concelhias de Santo António.

As Juntas de Freguesia, essas, receberão 17 mil contos.

Na construção e reparação de escolas, vai gastar 18 mil contos.

Sem sombra de dúvida que foi um bom presente de Natal para todos!

No entanto, e como costuma dizer-se, «não há sim sem senão». Ora vejamos:

Sediadas nas freguesias de Ferreiros (Feira-Nova)—penso que em terreno abrangido na área da vila de Amares—existem as instalações do Centro de Dia, Infantário e Creche, que são da criação e gerência da Santa Casa da Misericórdia de Amares.

Ninguém desconhece os fins de cariz humanitário e social que esta instituição se propõe levar a cabo do Bem-Fazer.

Para tanto, precisa de auxílio monetário. E este, valha a verdade, vem-lhe chegando através de subsídios concedidos pela Segurança Social. Porém, são escassos.

E a Santa Casa da Misericórdia, como se lê neste quinzenário, n.º 48, de 25 de Dezembro de 1986, encontra-se carecida de recursos que lhe permitam ir mais longe na sua acção, designadamente implantar um lar

polivalente para a terceira idade.

É bom também que se diga, aqui, que no Centro de Dia funciona a pré-primária, dando a Câmara Municipal um pequeno subsídio para a sua manutenção, e que é absorvido, em grande parte, pelo consumo de energia eléctrica.

As condições em que funciona não são, nem podem ser, modelares.

Espera-se, pois, que a Exma Câmara Municipal mande construir, com a anuência da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, pavilhões adequados ao exercício e manutenção da pré-primária com melhores condições higiénicas e pedagógicas.

Para finalizar, e perante o exposto, já que **NATAL É REPARTIR IRMAMENTE: É ESQUECER O MAL SOFRIDO: É UNIR E PERDOAR: É UMA PALAVRA, AMOR**, permita-se-me brade, bem alto, o meu lamento pelo ostracismo a que foi votada a Santa Casa da Misericórdia de Amares, uma vez que, perante tanta generosidade, consubstanciada no plano de actividades da nossa Câmara Municipal para o próximo ano de 1987, não se lhe atribuisse, por modesta que fosse, qualquer verba.

Narciso José Gonçalves

Histórias Singulares — O ETNA

Todos sabemos que «Etna» é o nome de um monte com um vulcão situado numa ilha ao Sul de Itália, chamada Sicília. Hoje todos sabem o que é um vulcão e explicar a sua actividade, devido ao conhecimento da existência de uma massa de fogo chamada magna que existe no interior do planeta a uma profundidade de cerca de sessenta a cento e vinte quilómetros. Mais interessante do que estes conhecimentos científicos é sabermos como é que os antigos explicavam estes fenómenos telúricos, quer as erupções vulcânicas, quer os abalos sísmicos. Camões, homem do Renascimento preocupado com a explicação racional dos factos, não deixa de mostrar o seu espanto para os homens das ciências que não sabiam explicar o Fogo de Santelmo, nem a Tromba Marítima, e exclamava: «Vejam agora os sábios na escritura/ Que segredos são estes da Natureza!».

Recuemos um pouco no tempo e imaginemos como é que os povos antigos explicavam as erupções do vulcão Etna.

No princípio do Universo, após o caos inicial, surgiu o Céu e a Terra que tiveram vários filhos chamados os «Titãs», entre os quais se encontram o Oceano, o Hipérior (o Sol), o Cronos (o Tempo), etc. Os Titãs foram expulsos pelo pai, mas, incentivados à revolta pela mãe, Cronos, o mais novo dos titãs, respondeu ao seu apelo; mutila o pai e apodera-se do poder. Do sangue jorrado da ferida do pai de Cronos e caído na Terra nasceram os gigantes, seres enormes e monstruosos.

Cronos conhecia uma profecia segundo a qual um dos seus filhos o haveria de destronar, à semelhança do que ele fizera. Para que isso não acontecesse, Cronos devorava os filhos logo à nascença. No entanto, quando nasceu Júpiter, Reia, a mãe, embrulhou uma pedra em vez do filho e deu-a a comer ao marido. Quando Júpiter cresceu, lutou contra o pai, Cronos que tinha o apoio dos «Titãs», venceu-o, obrigando-o a devolver os filhos que tinha comido e encerrou-o juntamente com os «Titãs» no Tártaro, lugar subterrâneo nas profundezas da Terra.

Os gigantes, para vingarem a sorte de Cronos e dos «Titãs», resolveram escalar os céus e destronar Júpiter. Este, todavia, com a ajuda de Atena, deusa dos combates, e de Hércules, conseguiu vencê-los e enterrá-los debaixo de rochedos e montes. Um desses gigantes chamava-se «Etna» e foi enterrado na Sicília, tendo ficado, no entanto, com um corno partido à superfície da terra, por onde, de vez em quando, expulsa toda a sua raiva em forma de fogo. Assim explicavam os antigos as erupções vulcânicas do Etna e, à sua semelhança, dos outros vulcões. Para explicar os abalos sísmicos, diziam que eram os gigantes sepultados debaixo dos montes e rochedos que se estavam a contorcer com dores devido ao seu peso.

Para algum leitor mais curioso destes assuntos, aconselho a leitura das seguintes obras: HOMERO, *Iliada e Odisseia*; VIRGÍLIO, *Eneida*; HESÍODO, *Teogonia*.

ANTÓNIO AFONSO

NATAL DE 1986

O acontecimento do Natal é para nós cristãos uma ocasião para proclamar e anunciar uma grande alegria: Eis o nosso Deus. Hoje nasceu o nosso Salvador, Cristo Senhor: esta é a nossa certeza; a estrela da manhã apareceu, uma criança nasceu. «Deus veio-nos salvar»: Este é o seu nome: «Salvador» é na nossa língua o nome mais alto para Jesus de Nazaré, Salvador significa certeza. Salvador: um salvador na imagem de um menino, um salvador assim vulnerável e desarmado como uma criança.

Para reconquistar os homens, para atrair-los a si, para falar com eles, Deus veio à terra como uma criança, como um que é fácil sufocar. E muitos efectivamente o sufocam. Sufocam-no fazendo do Natal a festa do consumo, dos gastos institucionalizados...

Outros sufocam o Deus-menino impedindo-lhe de crescer: Deus permanece menino durante toda a vida: uma frágil estatueta de barro oferecida numa caixa que se coloca na mangedoura

uma vez por ano: é só uma desculpa para dar aspecto religioso a uma balduria do natal pagão. As palavras que este menino trouxe aos homens não são escutadas: são exigentes e inoportunas enquanto que um «cristianismo-rebuçado» é muito mais cómodo.

Para os cristãos, Jesus que nasce é a Palavra de Deus que se faz carne. Através desta nova criação o homem tem acesso à condição de filho de Deus. Tornando-se filho de Deus o homem é capaz de realizar a sua função de criatura: ele pode chamar Deus «PAI» e é livre porque é filho e não servo e ama os outros homens, porque os reconhece como «IRMÃOS».

* * *

A todos os leitores, especialmente os jovens, desejo um santo e feliz Natal. Cristo que se fez homem para nos comunicar o amor do «PAI» nos dê a força de anunciar e testemunhar este amor a todos os homens.

Ir. João Ferrelra (m. comboniano)

Mestre António João Padilha, do Porto, trabalhou na Abadia?

Esta nossa notícia sobre obras realizadas, no século XVII, no convento de Bouro, nasce duma carta que nos foi endereçada pelo sr. Cónego Professor Doutor Avelino de Jesus Costa em que nos enviou fotocópia de três páginas do I volume da obra de D. Domingos de Pinho Brandão — «Diocese do Porto — subsídios para o seu estudo I — obra de talha dourada, ensamblagem e pintura» onde se refere a um contrato feito entre o mestre ensamblador, António João Padilha e o Dom Abade do mosteiro de Santa Maria de Bouro, D. Frei Feliciano de Carvalho, para a construção de duas grades de pau preto.

D. Frei Feliciano de Carvalho foi dom abade do mosteiro de Bouro por duas vezes; a 1.ª desde 1682 até 1865 (possivelmente) e a 2.ª desde 1687 a 1690 (vide O Livro da noviciaria do Real Most.º de Sancta M.ª de Bouro. T.º dos monges q.e profissão — 1583 a 1709 — por Frei

António do Rosário, O.P., in Bracara Augusta, volumes XXV-XXVI, pág. 188, e Paulo Ferro, in A Voz da Abadia, nos números 17 e 18 de 12 e 20 de Setembro de 1985 e n.º 20 de 31 de Outubro de 1985, nos artigos «Esmolas e obras do santuário de Nossa Senhora da Abadia na 2.ª metade do século XVII (1876-1690)», I e II, e «Obras e gastos no santuário da Abadia no triénio de 1687 a 1690, do Dom Abade Frei Feliciano de Carvalho». Durante o governo deste dom abade, principalmente no segundo mandato, realizaram-se grandes obras no santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Mestre António João Padilha, mestre ensamblador, era morador na rua da Calçada da Relação Velha da cidade do Porto e contratou fazer duas grades de pau preto, por escritura de 28 de Abril de 1690, «hua pera a capella de S. Bernardo do corpo da igreja e outra pera a capella de Nossa Senhora de de-

fronte», do mosteiro de Bouro. Estas grades deviam ser «do feitto e altura de outras que elle mestre tem feito para o cruzeiro da mesma igreja». O preço era de duzentos e vinte mil reis e ainda cinco mil reis de pitaça. Tudo corria por sua conta, isto é, trabalho de ensamblador, ferragens e assentamento das grades, com excepção do carroto das mesmas, desde o Porto até ao mosteiro, que ficava por conta do mosteiro. A obra devia estar pronta até ao dia de S. Bernardo que é no dia 20 de Agosto.

Neste contrato, interveio por parte do mosteiro, como procurador, Gonçalves de Sousa Rego, cavaleiro e professo da Ordem de Avis. A seguir, transcrevemos parte do contrato e da procuração que o dom abade lhe havia passado e que são do teor seguinte:

«... e logo por elle d.º G.º de Sousa Rego foy dito em nome e Como procurador que mostrou ser por hua procuração que adiante hira tresla-

dada do R.º Dom Abb.º Feleciano de Carv.º que o he do Real mostr.º de Bouro em prezença das testemunhas ao diante escritas e asinadas que elle estava Contratado com elle Ant.º João Padilha pera este fazer no d.º mostr.º de Bôuro duas grades de pau preto a saber hua pera a Capella de S. Bernardo do Corpo da Igreja e outra pera a Capella de nossa Snr.ª de defronte as quaes avião de ser do feitto e altura de outras que elle mestre tem feito p.º o Cruzeyro da mesma Igreja Com suas molduras de Bronze da fasse de fora do feitto das que estão nas d.º Grades do Cruzeyro da d.ª Igreja Com hua porta em Cada grade p.ª abrir e fechar tudo por presso e quantia entre elles partes celebrado e asentado de duzentos e vinte mil rs; e sinco mil rs. mais de pitaça as quaes Grades sera elle d.º mestre obrigado a dar prefeitas e acabadas Com todo o nesario pertensente ao seu off.º e de ferragens postas e asentadas a sua

Custa nas ditas Cappellas do dito mosteyro tudo pellos ditos duzentos E vinte mil rs. presso desta obra e pellos sinco mil rs. q. demais mais se lhe dão de pitaça a qual obra sera a Contento dos d.ºs p.ºs e D. Abb.º do d.º Conv.º Com toda a perfeição e estará feita acabada e asentada nas d.ºs Cappellas em dia de São Bernardo proximo que vem a Conta da qual obra elle d.º G.º de Souza Rego deu logo ao fazer desta escritura sesenta mil rs. em bom dr.º de moeda de prata corrente neste Rejno»

Texto da procuração: «fr. feleciano de Carv.º Dom Abb.º do Real mostr.º de Bouro S.ºr E donatario de seu Couto etc. — pella presente fazemos nosso bastante pr.ºr ao S.ºr G.º de Souza Rego p.ª que em nosso nome e deste noso mostr.º possa fazer escritura E obrigação com Ant.º João Padilha m.ºr na Cid.º do Porto p.ª fazer huas Grades de pau preto do mesmo feityo das que fes p.ª as duas Cappellas q. elle

tem visto ambas com porta p.ª o que lhe damos todos os poderes em dir.º nesarios e p.ª as maes obras que leva emcomendadas desta Caza dada neste nosso sobred.º mostr.º sob nosso sinal somente em dezasete de Abril de seis sentos E noventa a — fr. feleciano de Carv.º Dom Abb.º...»

Tabelião: António Aires Pimenta — Porto

A.D.P. — Po 1, 4.ª série, n. 189, ff. 170 v.-171 v.»

* * *

O Santuário de Nossa Senhora da Abadia, cuja administração pertencia ao mosteiro, é riquíssimo em talha e conhecemos documentação de gastos com objectos de pau preto nesta altura. Quem seria o autor ou autores destas obras no santuário? Certamente que este António João Padilha, que trabalhou para o mosteiro, foi um dos autores de obras do santuário também.

PAULO FERRO